

# A Identidade Profissional dos Primeiros Professores de Sociologia do Colégio Pedro II

Jefferson da Costa Soares (PUC-Rio)

Email: [jefics@yahoo.com.br](mailto:jefics@yahoo.com.br)

## 1. Introdução

A identidade profissional dos professores de Sociologia do ensino secundário, atual ensino médio em instituições específicas tem sido temática pouco explorada no contexto acadêmico, principalmente em períodos recuados como a Primeira República, tendo em vista que ainda são poucos os trabalhos desenvolvidos nessa área. As dificuldades na elaboração de tais trabalhos se relacionam com os seguintes fatores: nesse período, que coincide com o de inclusão da disciplina nos currículos do ensino secundário brasileiro pela Reforma Rocha Vaz (1925), muitas instituições de ensino eram recentes ou ainda se encontravam em processo de criação; o curso secundário ainda não estava consolidado como modalidade de ensino; e conseqüentemente, a identidade profissional dos professores secundários estava em processo de construção nessas instituições. Esse fato pode colaborar para que os conhecimentos sobre a construção da trajetória desses primeiros professores de Sociologia sejam bastante limitados no Brasil. Percebi a relevância do problema ao pesquisar trabalhos, dissertações e teses na área e descobrir a ausência de discussões que focalizassem a perspectiva da História da Educação, mais especificamente da História da Profissão Docente. Nesses campos, os debates relativos às questões da formação, associativismo, fragmentação, desqualificação, desvalorização, proletarização, mal-estar, reestruturação do trabalho docente, dentre outras temáticas, tem ganhado centralidade. É justamente a atualidade dessas questões que nos remete a refletir sobre o passado, sobre experiências passadas ressignificadas, sem nunca abandonarmos a ideia de que a história é marcada por rupturas e permanências.

Neste trabalho focalizo a Identidade Profissional dos primeiros Professores de Sociologia do curso Secundário do Colégio Pedro II, dialogando com referenciais teóricos da História da

Educação, História da Profissão Docente e da Sociologia. Cabe ressaltar que o Colégio Pedro II era considerado referência para o país no período de 1925 a 1941, considerado de institucionalização da Sociologia como disciplina escolar no Brasil. Foi, portanto, a primeira instituição de ensino secundário a adotar o ensino de Sociologia no país, por ocasião da Reforma Rocha Vaz de 1925. Algumas questões nortearam este trabalho: a) Como se configurou o quadro docente de Sociologia no Colégio Pedro II no período de institucionalização da disciplina? b) Quem eram os professores, como se inseriram na instituição, em que categorias se enquadram e como constroem suas trajetórias? c) De que maneira as mudanças impostas na legislação do ensino secundário impactaram os professores que atuaram no período? d) Como os professores reagiram a elas? e) Que modificações acarretaram sobre a organização do quadro docente do Colégio Pedro II?

Nesse sentido, busco como objetivo geral, identificar como foi se constituindo a identidade profissional dos primeiros professores secundários de Sociologia do Colégio Pedro II no período supracitado, conferindo importância não só ao que é comum a esses profissionais, bem como às suas singularidades.

Claude Dubar (2005) destaca a importância do outro em sua definição de “identidade”. Para o autor, são inseparáveis a “identidade para si” e “identidade para o outro”, pois assim, um professor secundário do Colégio Pedro II só saberia quem é através do olhar do outro. Porém, isso pode provocar incertezas, pois o professor secundário do Colégio constrói e reconstrói sua identidade na impressão que tem sobre o que os outros pensam sobre ele. Mas nunca se terá a certeza de que isso é a realidade.

Também é possível ao indivíduo recusar a identificação atribuída pelo outro. De todo modo, podem ser utilizadas “categorias socialmente disponíveis”, como por exemplo, denominações oficiais, étnicas ou profissionais. Assim, o tipo de homem que se é, ou seja, a identidade para o outro, é chamada, segundo Dubar, de “atos de atribuição”. Ele denomina “atos de pertença” a identidade para si, isto é, o modelo de homem que se quer ser. Entretanto, somente por meio da atividade com outros, as identificações que o indivíduo recebe se justificarão e mostrarão seus motivos; nessas situações ele poderá recusar ou aceitar a maneira como é identificado.

A teoria sociológica apresentada por Dubar (2005) tem como ponto central a articulação entre dois processos identitários heterogêneos. Primeiramente, aquele que trata da atribuição da identidade e decorre da interação das instituições e agentes com o indivíduo, deve ser analisado dentro dos “sistemas de ação” no qual o indivíduo está inserido; neles são legitimadas categorias que são impostas coletivamente e que levam à etiquetagem. Assim, empresta-se uma identidade social “virtual” a uma pessoa.

O outro processo refere-se à incorporação da identidade pelos próprios indivíduos, sua análise deve ser feita considerando-se as “trajetórias sociais” por meio das quais os indivíduos constroem a “identidade para si”, também chamadas de identidades sociais “reais”. Neste caso, a legitimidade irá depender daquilo que tem “subjctivamente” importância para o indivíduo. Desse modo, a identidade social é marcada pela dualidade; ela resulta da articulação entre a identidade virtual e identidade real, numa configuração identitária estável, mas sempre evolutiva.

Em resumo, Dubar mostra a heterogeneidade desses dois processos, biográfico (identidade para si) e relacional (identidade para outro), que não podem ser entendidos fora do seu contexto de inserção. Os sujeitos devem ser pensados na sua trajetória social. Mostra também, que os processos de negociação identitária são complexos e que se dão dentro de um campo de possibilidades.

Outra contribuição importante para um estudo dos professores secundários numa instituição específica e num período recuado oferecida por Dubar está centrada no fato da identidade possuir também uma “dimensão geracional”. Deve-se, portanto, atentar para as características das gerações precedentes de professores, pois constituem uma referência. Cada geração reconstrói essa identidade, ou seja, há uma historicidade. Esse é um aspecto que reforça a necessidade não só de identificar os professores, mas de conhecer suas biografias. O Externato e o Internato, estâncias nas quais o Colégio Pedro II era dividido no recorte temporal adotado neste projeto, e as reuniões da Congregação podem ser considerados, segundo a perspectiva de Dubar, espaços de reconhecimento identitário.

Os resultados apresentados nesse trabalho, que focaliza a identidade profissional dos professores de Sociologia do Colégio Pedro II entre 1925 e 1941, foram obtidos com base na análise documental das diferentes fontes primárias encontradas no Núcleo de Documentação e Memória do Colégio Pedro II (NUDOM), no Centro de Pesquisa e Documentação de História

Contemporânea do Brasil (CPDOC/FGV) e na legislação sobre o sistema educacional do período. Cabe ressaltar que a “Coleção de Leis do Império da República” encontra-se disponível no portal da Câmara dos Deputados<sup>1</sup>.

As fontes que foram analisadas são as seguintes: (a) Livros de Atas da Congregação do Colégio Pedro II; (b) Regulamentos e os Decretos relativos às reformas educacionais e às mudanças internas do Colégio Pedro II; (c) os Programas de Ensino; (d) Relatórios elaborados pelos diretores do Colégio Pedro II e encaminhados aos Ministros da Educação e Saúde Pública; (e) Livros Didáticos elaborados pelos docentes e adotados pelo Colégio Pedro II; (f) Anuários; e (g) outros documentos. Estes últimos são documentos onde constam acusações aos professores do Colégio Pedro II de serem contra o governo Vargas, concursos para as cátedras, resolução de problemas dos professores do Colégio Pedro II e regulamentação da contratação de professores. Com exceção de (g), que estão disponíveis no CPDOC/ FGV, todas as outras fontes podem ser encontradas no NUDOM do Colégio Pedro II.

## **2. Os Professores de Sociologia do Colégio Pedro II entre 1925 -1941**

### **2.1 Adrien Delpech**

O primeiro professor de Sociologia do Colégio Pedro II foi Adrien Delpech. Antes de se tornar catedrático interino no contexto em que a cadeira foi criada no Colégio, Delpech era professor substituto de Francês escolhido pela Congregação. Regeu interinamente a cadeira de Francês do Internato nos anos de 1915, 1916 e em alguns meses no ano de 1917. Foi colaborador em vários jornais e periódicos como “O País”, “O Jornal” e o “Jornal do Comércio”. Possui várias publicações, inclusive é conhecido por ter traduzido obras literárias de Machado de Assis, de quem era profundo conhecedor, para o Francês. Quando a Sociologia foi incluída nos currículos do curso secundário do Colégio Pedro II, Delpech já possuía cerca de 9 anos de serviços prestados à referida instituição. Adrien Delpech foi o único dos professores substitutos que com a Reforma Rocha Vaz, não teve acesso à posição de catedrático. Entretanto passa a

ocupar interinamente a cátedra recém criada de Sociologia. Somente em 1927, torna-se catedrático de Francês e em 1928 transfere-se para a cátedra de Literatura.

No Livro de Atas de Reuniões da Congregação<sup>2</sup> (1925-1934) consta a apresentação de uma moção assinada por vários professores catedráticos. Nesta moção, a Congregação do Colégio Pedro II sugere ao Governo da República, o aproveitamento na cadeira recém criada de Sociologia, do professor Adrien Delpech, uma vez que fora habilitado, por unanimidade de votos, em um concurso realizado nas dependências do Colégio e no qual dissertou sobre a “Lógica da Sociologia”. Contudo, a Comissão de Docência julgou que apesar dos méritos intelectuais de Delpech, a Congregação não podia de forma legal, fazer tal sugestão e que caberia ao Congresso Nacional fazer justiça à proficiência de Delpech provendo-o às funções de catedrático, mas em uma cadeira onde seu “talento” pudesse ser condignamente aproveitado. Adrien Delpech, foi designado então, para reger a cadeira de Sociologia interinamente em 6 de abril de 1926, fez indicações de livros para as aulas de Sociologia, como revela a ata da reunião de 29 de abril de 1926, mesma reunião em que foi aprovado o primeiro programa de Sociologia, para este mesmo ano. É provável que na condição de catedrático interino, Delpech o tenha elaborado.

No relatório concernente aos anos letivos de 1925 e 1926, escrito pelo Diretor do Externato<sup>3</sup>, Euclides de Medeiros Guimarães Roxo e apresentado ao Diretor Geral do Departamento Nacional de Ensino, são feitas referências sobre a maneira como Delpech vinha desempenhando as funções da cátedra de Sociologia. Como Delpech era professor substituto de Francês, uma classe extinta pela Reforma Rocha Vaz, o Diretor do Externato, nas suas considerações, lembra ao Governo da conveniência do provimento efetivo de Delpech na cadeira de Sociologia, já que isso representaria também uma economia aos cofres da Nação, pois desapareceria a rubrica necessária ao pagamento do professor-substituto de Francês.

Adrien Delpech era belga, nascido no ano de 1867. Encontramos indícios de que teria vindo para o Colégio Pedro II diretamente da Sourbonne, a pedido do então diretor Professor Carlos de Laet. Delpech fez seus estudos de todos os níveis em Paris. No ano de 1892, aos 25 anos de idade, chegou ao Brasil, onde se estabeleceu definitivamente. No Rio de Janeiro ingressou no Colégio Pedro II, em seguida no Instituto de Educação e na Escola Nacional de Música, lecionando Francês e Arte. De grande cultura humanística, foi professor de várias

disciplinas, inclusive Literatura Brasileira, pela qual nutria especial predileção. Como catedrático interino de Sociologia, teria elaborado o primeiro programa da disciplina.

Os fatos acima descritos, além de poderem nos levar à interpretação de que Carlos Miguel Delgado de Carvalho não teria sido o único protagonista da história da disciplina Sociologia no período de sua institucionalização no Colégio Pedro II, são indicativos de que não era, à princípio, intenção de Delgado de Carvalho se tornar Catedrático de Sociologia, uma vez que sua assinatura constava na moção que indicava o nome de Delpech para ocupar a cátedra da referida disciplina.

## **2.2 Carlos Miguel Delgado de Carvalho**

O já citado Carlos Miguel Delgado de Carvalho foi o primeiro catedrático<sup>4</sup> efetivo de Sociologia do Colégio Pedro II, embora, conforme observado, não tenha sido o único ator responsável pela institucionalização da disciplina nesta que é a instituição pioneira no ensino de Sociologia no Brasil. Delgado de Carvalho nasceu em 1884 na capital francesa, em razão do seu pai ser diplomata. Era filho de Carlos Dias Delgado de Carvalho e de Lydia Tourinho, falecida dias após seu nascimento. Seu pai pertencia a uma família ligada à alta burocracia do Império brasileiro, o que certamente facilitou o acesso a cargos como o de Secretário de Legação do Império. Iniciou seus estudos na Inglaterra e foi morar em Lyon, França, após o segundo casamento de seu pai, onde estudou dos onze aos dezoito anos no Externato Dominicano. Alistou-se no exército francês, mas desistiu da carreira militar ao contrair tifo. Bacharelou-se em Letras em 1905 pela Universidade de Lyon. Em seguida teria ingressado na Universidade de Lausanne, Suíça, no curso de Direito. Estudou História da Civilização, vindo a concluir seus estudos na “École de Sciences Politiques de Paris”. Estudou também, Ciências Sociais na “London School of Economics”. Segundo Meucci (2000), foi aluno de Émile Durkheim. Em vista de sua educação européia, falava inglês, francês e alemão. Aprendeu o português apenas em 1906, quando voltou ao Brasil, pois seu pai foi destituído do cargo com o advento da República.

Tornou-se professor substituto de Inglês do Colégio Pedro II em 1920, quando se inscreveu em concurso, classificando-se em primeiro lugar, com uma dissertação sobre o tema

“Esboço Histórico da Origem da Língua Inglesa”. Foi nomeado em 23 de dezembro de 1920 e tomou posse do cargo no dia 28 do mesmo mês e ano. Foi promovido a Professor Catedrático em 24 de setembro de 1924, em substituição a Carlos Américo dos Santos. O Avô de Carlos Delgado de Carvalho, José Dias Delgado de Carvalho, já havia sido catedrático do Colégio Pedro II em 1894, quando tomou posse da cátedra de Francês. Foi membro da Royal Meteorological Society de Londres e correspondente da Society of Literature. Naquele contexto histórico, Delgado de Carvalho também estava encarregado do curso de Geografia das Escolas Superior de Intendência e de Administração Militar. Exercia o cargo de chefe da seção pluviométrica da Inspetoria de Obras contra as secas do nordeste. É autor de diversas publicações em diversas áreas do conhecimento. Fez parte do Congresso Brasileiro de Ensino Superior. Possuía cerca de 5 anos de serviços prestados ao Colégio quando a Reforma Rocha Vaz incluiu a Sociologia no currículo do Colégio.

Em 21 de novembro de 1927, Delgado de Carvalho, membro-fundador da Associação Brasileira de Educação (ABE), membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), professor de Sociologia também na Escola Normal (depois Instituto de Educação), e que se tornou, nos anos que se seguiram, um dos maiores difusores do conhecimento sociológico no Brasil, foi transferido da cátedra de Inglês para a de Sociologia, ocupada interinamente por Adrien Delpech, que, por sua vez, foi promovido a Catedrático de Francês do Internato do Colégio Pedro II em 5 de dezembro de 1927.

A partir desse momento, conforme estabelecido na Reforma Rocha Vaz, Delgado de Carvalho passa a ser responsável pela elaboração dos programas de Sociologia do Colégio Pedro II, instituição considerada padrão na época.

Voltadas para o ensino de Sociologia, fazem parte da produção de Delgado de Carvalho, obras como “Sociologia: Summarios do Curso do Sexto Anno (1931)”, “Sociologia Educacional” (1933), “Sociologia e Educação” (1934), “Sociologia Experimental” (1934), “Práticas de Sociologia” (1937). Destas obras, apenas a primeira e a última interessavam diretamente aos alunos do Colégio Pedro II.

Outro aspecto relevante a ser destacado refere-se ao fato de o Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova, de 1932, ter marcado fortemente a Educação Brasileira por trazer ao universo escolar os conceitos que Dewey imprimiu à renovação educacional nos Estados Unidos (EUA).

Os teóricos e protagonistas do Manifesto da Escola Nova foram ignorados, pois não sensibilizaram institucionalmente o Colégio Pedro II. Não obstante da ação e peso científico e histórico-cultural de Fernando Azevedo, Anísio Teixeira, Lourenço Filho e do que propunham, não comoveram ou levaram a Congregação do Colégio Pedro II a se manifestar institucionalmente. Diante dessa constatação, cabe ressaltar que Delgado de Carvalho, signatário de Manifesto de 1932, constituiu uma das raras exceções, juntamente com Jonathas Serrano, catedrático de História Geral e Euclides Roxo, catedrático de Matemática do Colégio.

Delgado de Carvalho divergia do programa oficial de Sociologia, que com a Reforma Campos (1932) passa a ser elaborado pelo Departamento Nacional de Ensino, ou seja, os professores catedráticos do Colégio Pedro II perdem o poder de elaborar os programas das disciplinas escolares. Diante dessa insatisfação, em 20 de junho de 1938, o catedrático de Sociologia do Colégio Pedro II submete a Luís Vergara, então Secretário da Presidência da República, cargo equivalente à atual Chefia do Gabinete Civil, onde permaneceu até 1945, um relatório sobre o ensino de Sociologia, onde são sintetizadas críticas, explicações e é proposto um currículo de Sociologia considerado moderno por Delgado de Carvalho, ou seja, com um enfoque distinto do programa elaborado pelo órgão do governo<sup>5</sup>.

Não encontramos indícios de efeitos ou de que esta proposta tenha sido implementada pelo menos em parte, uma vez que Vargas teria feito algumas críticas ao programa sugerido e também porque a obrigatoriedade da disciplina foi retirada dos currículos do ensino secundário em 1941, três anos após a apresentação dos questionamentos formulados por Delgado de Carvalho.

No início dos anos 1940, Delgado de Carvalho encontrava-se em comissão na Faculdade Nacional de Filosofia para a cadeira de Geografia do Brasil, por indicação presidencial, substituído interinamente, pelo professor Alcides Gentil.

### **2.3 Alcides Gentil**

O poeta, jornalista, jurista, escritor, professor e orador Alcides Gentil, nasceu em Alenquer, em 23 de agosto de 1891. Alcides Gentil fez o curso primário em Belém, onde também iniciou os estudos preparatórios no Ginásio Paraense (hoje Paes de Carvalho),



concluindo-os, porém, no Colégio de São Vicente de Paula, em Petrópolis, no Rio de Janeiro, onde se destacou como aluno e foi laureado. Depois, cursou até o terceiro ano de medicina, mas resolveu transferir-se para o curso de Direito, diplomando-se em 1917, aos 26 anos de idade.

De 1918 a 1920, Alcides Gentil exerceu o cargo de promotor público na comarca de Óbidos. Logo, porém, radicou-se em Belém, onde foi professor de Português na Escola Normal do Pará (em 1921) e de Filosofia no afamado Ginásio Paes de Carvalho (de 1926 a 1929), exercendo, ainda, a função de Advogado da Prefeitura Municipal de Belém. Participou intensamente da vida intelectual e literária da cidade. Ainda em Belém, Alcides Gentil fez parte da redação do jornal “A Folha do Norte” (hoje extinto)

Filósofo e pensador, admirador de Alberto Torres, um dos precursores do pensamento social brasileiro, fundou, no Rio de Janeiro, a Sociedade dos Amigos de Alberto Torres, da qual era o secretário-geral.

Aos vinte anos de idade, ainda estudante universitário, Alcides Gentil publicou seu primeiro livro: O Brasil e o Internacionalismo (1911), e logo se tornou um escritor prolífico. Publicou ainda, dentre outras obras: Ruy Barbosa (1922) – uma interessante biografia do maior advogado brasileiro de todos os tempos; Que é a Sociologia? (1930) – sua tese de concurso para a cátedra de Sociologia da Escola Normal do Distrito Federal (Rio de Janeiro); As Idéias de Alberto Torres (1932) – sua obra mais famosa, em que sintetiza pensamento do escritor, filósofo e político brasileiro Alberto Torres, do qual foi amigo e fiel discípulo; As Idéias de Getúlio Vargas – seu último livro publicado, de 1939.

Também ficaram famosos os estudos de Alcides Gentil, publicados nos jornais do Rio de Janeiro. Alcides Gentil não reuniu em livro os seus poemas. Mas os jornais e revistas de Belém e do Rio de Janeiro, com os quais sempre colaborou, publicaram suas poesias.

Alcides Gentil fixou residência, no início da década de 1940, no Rio de Janeiro, onde lecionou Sociologia na Escola Normal do antigo Distrito Federal (cadeira que conquistou por concurso público) e Sociologia no Colégio Pedro II, ocupando, ainda, os cargos de promotor público do Rio de Janeiro (do qual logo pediu exoneração por não concordar com a fêrra perseguição que a polícia de Getúlio Vargas fazia contra os centros espíritas), de Inspetor da Faculdade de Direito de Niterói e, desde 1952, de Advogado do Estado da Guanabara, no qual se

aposentou em 1961, vindo a falecer em 11 de agosto de 1963, doze dias antes de completar 72 anos de idade.

## **2.4 Iva Waisberg, Vicente Miranda Reis e Ney Palmeiro Cidade**

Os nomes de Iva Waisberg e Vicente Miranda Reis aparecem como professores de Sociologia do Externato em tabela ordinária publicada no Diário Oficial de terça-feira, 2 de junho de 1942, Seção I, página 8997. Eram professores que, segundo este documento, se enquadravam, naquela época, na categoria “Professor XXII” e recebiam naquela data o salário de 1:600\$0 (um conto e seissentos mil réis) para lecionarem 12 horas de aula por semana.

Por sua vez, o nome de Ney Palmeiro Cidade e de Iva Waisberg figuram também numa relação de Professores Extranumerários Mensalistas – Tabela Suplementar publicada no Relatório de 30/07/1942 elaborado por Raja Gabaglia, então Diretor do Externato do Colégio Pedro II.

## **3. Considerações Finais**

Importa considerar, inicialmente, que os primeiros professores de Sociologia do Colégio Pedro II se constituíram como professores do ensino secundário, ao mesmo tempo em que a instituição se estabelecia como modelo educacional e o próprio ensino secundário se institucionalizava como tal. Essa condição talvez possa explicar uma certa rotatividade que observamos no caso da cadeira de Sociologia, e que deve ser posteriormente aprofundada.

Embora exercessem simultaneamente outras atividades profissionais, foi significativo constatar que alguns deles foram recrutados pela Congregação do Colégio, nomeados por Ministros e iniciaram carreira como Professores Substitutos de outras disciplinas, como é o caso de Adrian Delpech e Delgado de Carvalho, que cursaram estudos superiores na Europa, formação que os qualificou para implementar o projeto de institucionalização da disciplina Sociologia no Colégio Pedro II. Os professores de Sociologia acumulavam o magistério no Colégio com a docência em outras instituições de ensino e atuação em várias outras instituições e

organizações. Adrien Delpech, Delgado de Carvalho e Alcides Gentil foram também professores de Sociologia da Escola Normal, depois Instituto de Educação. São donos de intensa produção intelectual, pois escreveram para jornais e periódicos, publicaram compêndios e obras literárias.

Eram professores que ministraram disciplinas diversas como Literatura, Francês, Inglês, Geografia e Sociologia. Essa situação pode indicar que, para alguns deles o magistério já se configurava, ao menos, como uma ocupação principal. Parece-nos que o vínculo que os professores estabelecem é com o Colégio Pedro II e não com uma disciplina específica. Esses professores opinavam também acerca dos rumos da instituição.

Encontramos ainda, já no contexto da Reforma Gustavo Capanema, de 1942, os nomes de outros 3 professores de Sociologia do Colégio. São eles Iva Waisberg, Vicente Miranda Reis e Ney Palmeiro Cidade. Não encontramos porém, provas de que esses professores tenham dado aulas de Sociologia. Entretanto, o fato de termos encontrado seus nomes em documentos que cronologicamente são posteriores à Reforma Capanema, que extinguiu os cursos complementares e retirou a obrigatoriedade da Sociologia no Ensino Secundário, pode ser um indicativo de um processo de resistência à essa retirada. Não foram encontrados nomes de outros professores de Sociologia em listagens anteriores à data do Relatório de 1942 redigido por Raja Gabaglia, nem mesmo em listagens de professores suplementares produzidas para verificação daqueles que possuíam o “Registro de Professores”, exigido a partir da Reforma Francisco Campos. Esse fato pode ser indicador de que o então Professor Catedrático, Delgado de Carvalho, tenha sido o único professor a ministrar as aulas de Sociologia do curso complementar. Entretanto, essa hipótese causa estranheza e merece ser melhor investigada, uma vez que nesse período, a Sociologia ganha força nos cursos complementares do ensino secundário e o Colégio Pedro II aumenta consideravelmente o número de matrículas, o que leva à necessidade de ampliação do seu quadro docente. No que se refere às outras disciplinas, tal fato levou à contratação de professores suplementares, conseqüentemente a possibilidade dos alunos terem oportunidade de ter aulas com os catedráticos diminuiu consideravelmente. Não encontramos listagens com professores suplementares de Sociologia no contexto da década de 1930.

Consideramos que conhecer o processo de construção das trajetórias, a constituição da identidade docente e resgatar os esforços feitos pelos primeiros professores de Sociologia do Colégio Pedro II, que contribuiriam para subsidiar a implementação da disciplina no ensino

secundário no Brasil, pode-se configurar em contribuição relevante para o campo da História da Educação, mais especificamente nos campos da História da Profissão Docente e do Ensino de Sociologia.

---

<sup>1</sup> Coleção de Leis do Império e da República: Disponível no Portal da Câmara dos Deputados <<http://www2.camara.gov.br>> acessado em: 30/07/2011.

<sup>2</sup> A Congregação do Colégio Pedro II era formada pelos Catedráticos e por professores do Internato e Externato. As reuniões da Congregação eram convocadas e presididas pelo Diretor ou substituto legal. Revezavam-se na presidência, em anos alternados, os Diretores do Internato e do Externato, escolhidos por livre nomeação do Presidente da República. Segundo a Reforma Rocha Vaz, no Colégio Pedro II, o Internato e o Externato, deveriam ter, cada um, um diretor, um vice-diretor e um secretário. A convocação da Congregação podia ser provocada também mediante requerimento de dois terços dos respectivos membros. A Congregação deliberava com a presença da metade e mais um de seus membros em exercício e a ela cabia, dentre outras funções, a aprovação dos programas.

<sup>3</sup> Em 1857, o Colégio Pedro II foi dividido em duas seções: Internato e Externato. Cada seção possuía um Diretor que presidiu em anos alternados as reuniões da Congregação.

<sup>4</sup> O Professor Catedrático era aquele que estudou e se especializou em uma determinada área do conhecimento, embora também conhecesse bem as demais disciplinas e pudesse ser examinador de qualquer uma delas. Para ser catedrático, era necessário que o candidato fizesse um exame de cátedra e defendesse alguma ideia inovadora no seu campo, além de ter obras científicas publicadas na sua especialidade e ser nomeado pelo Ministro. A Cátedra era vitalícia. O Professor Catedrático, segundo o Regimento Interno do Colégio Pedro II, de 1927, devia orientar o ensino das matérias que constituem a sua cadeira; lecionar na sua totalidade as matérias, que constituem o programa da mesma; providenciar, por todos os meios a seu alcance, para que o ensino sob sua responsabilidade fosse o mais eficiente possível; tomar parte nas comissões de exames do curso, bem como nos concursos para o preenchimento dos *logares* de docentes; submeter, durante o ano letivo, os alunos aos trabalhos práticos, nos termos do Regimento; tomar parte nas Congregações; comunicar ao Diretor e à Congregação as dificuldades que encontrasse para a execução dos trabalhos de seu curso, indicando as suas causas e meios de removê-las; redigir as instruções que deviam ser observadas pelos docentes livres, quando fizerem cursos nos gabinetes ou laboratórios do estabelecimento; fiscalizar a frequência dos respectivos alunos; fiscalizar o ensino da disciplina da respectiva cadeira nas turmas suplementares, exigindo dos regentes a execução rigorosa do programa e comunicando ao Diretor as irregularidades ou lacunas que se verificassem no ensino das referidas turmas. Segundo o Regimento Interno do Colégio Pedro II, o professor catedrático de Sociologia era comum às duas seções do Colégio Pedro II, Internato e Externato.

<sup>5</sup> Sobre a proposta de Delgado de Carvalho ler o artigo apresentado no II Encontro Estadual de Ensino de Sociologia – II ENSOC de SOARES, J. C. A concepção de currículo de Sociologia em Delgado de Carvalho. In: *Dilemas e Perspectivas da Sociologia na Educação Básica*. Handfas, A; Maçaira, J. P. Orgs.. Rio de Janeiro: E-papers, 2012.

---

## Referências:

ANDRADE, Vera Lúcia Cabana de Queiroz. *Colégio Pedro II. Um lugar de memória*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em História Social do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRJ, 1999.

Anuário do Colégio Pedro II (1949-1950). Vol. XV. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e da Cultura, Rio de Janeiro, 1954.

BASTOS, Maria Helena Câmara. Manuais Escolares Franceses no Imperial Colégio de Pedro II (1856-1892). *História da Educação/ASPHE/FaE/UFPEL*, n. 26, Pelotas: ASPHE, set/dez 2008, p. 39-58. Disponível em: <http://fae.ufpel.edu.br/asphe>.  
Colégio Pedro II. Livro de Atas da Congregação do Colégio Pedro II: 1920-1925.

\_\_\_\_\_. Livro de Atas da Congregação do Colégio Pedro II: 1925-1934.

\_\_\_\_\_. Livro de Atas da Congregação do Colégio Pedro II: 1934-1946.

COUTTO, Pedro do. Relatório concernente aos anos letivos de 1926 e 1927. Apresentado ao Exmo. Sr. Diretor Geral do Departamento Nacional do Ensino por Pedro do Coutto, Diretor do Internato. Rio de Janeiro, Colégio Pedro II – Internato, 1928.

DODSWORTH, Henrique. Relatório: 1932-1933 – Colégio Pedro II – Externato. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Saúde pública, 1933.

DORIA, L. G. Escragnoille. *Memória Histórica do Colégio Pedro Segundo (1837-1937)*. 2ª ed. Brasília: INEP, 1997.

DUBAR, Claude. *A socialização. Construção das identidades sociais e profissionais*. Porto: Porto Editora, 1997.

DUBET, François. *Le Declin de l'Institution*. Paris: Éditions du Seuil, 2002.

Estatutos do Colégio de Pedro II (1838). NUDOM. Rio de Janeiro.

GUIMARÃES ROXO, Euclides de Medeiros. Relatório concernente aos anos letivos de 1925 e 1926. Apresentado ao Exmo. Sr. Diretor Geral do departamento Nacional do Ensino pelo Professor Euclides de Medeiros Guimarães Roxo, Diretor do Externato. Rio de Janeiro, Colégio Pedro II, 1928.

MEUCCI, S. *A institucionalização da sociologia no Brasil: primeiros manuais e cursos*. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, mar, 2000.

---

NAGLE, J. *Educação e Sociedade na Primeira República*. São Paulo: Pedagógica e Universitária Ltda., São Paulo, 1974.

SARANDY, F. M. S. *A sociologia volta à escola: um estudo dos manuais de sociologia para o ensino médio no Brasil*. Dissertação de mestrado. (Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia) Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, set. 2004.

SOARES, J. C. *O Ensino de Sociologia no Colégio Pedro II (1925 – 1941)*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 2009.

VALENTE, L. I. *Memorial Poético de Alenquer – Alcides Gentil*. Consultado em 05/08/2012. Disponível em [http://www.siteturbo.com.br/\\_gerador/upload/1287/04\\_-\\_Memorial\\_Poetico\\_Alcides\\_Gentil.pdf](http://www.siteturbo.com.br/_gerador/upload/1287/04_-_Memorial_Poetico_Alcides_Gentil.pdf)